

ÉTICA NORMATIVA, METAÉTICA E FILOSOFIA POLÍTICA

A Filosofia e os desafios do século XXI em debate

Philosophy and the challenges of the twenty-first century in debate

* Gabriele Cornelli

** Renato Brandão

A UNESCO no Brasil e a Cátedra UNESCO Archai da Universidade de Brasília (UnB) organizaram no dia 19 de novembro de 2015 um *Hangout* UNESCO, programa de bate-papo online da UNESCO no Brasil, em celebração ao Dia Mundial da Filosofia 2015. O evento teve como tema os desafios da filosofia para o século XXI. A gravação vídeo do *hangout* está disponível no endereço <http://bit.ly/hangout_filosofia>. O *hangout* foi produzido pelo Prof. Gabriele Cornelli, Coordenador da Cátedra UNESCO Archai da UnB, com o auxílio de Renato Brandão, Pós-Doutorando na mesma Cátedra.

Participaram do *hangout* os professores Vinicius Berlendis Figueiredo (Universidade Federal do Paraná), Alexandre Sá (Universidade de Coimbra), Maria Cecília de Miranda Coelho (Universidade Federal de Minas Gerais) e Fernando Santoro (Universidade Federal do Rio de Janeiro). A mediação foi de Ana Lúcia Guimarães, Coordenadora da Unidade de Comunicação da UNESCO Brasil.

Segue abaixo a transcrição do bate-papo.

➤ **Ana Lúcia Guimarães (UNESCO):** Estamos começando agora o *hangout* sobre o Dia Mundial da Filosofia. O *hangout* é uma parceria da UNESCO no Brasil com a Cátedra UNESCO Archai da Universidade de Brasília. O tema da conversa de hoje é “Objetivos e Desafios da Filosofia para o Século XXI”. O Dia Mundial da Filosofia é comemorado

*Produtor do debate. Doutor e Professor do Programa de Pós-Graduação em Metafísica da UnB. Coordenador da Cátedra UNESCO Archai da UnB. <cornelli@unb.br>

**Auxiliar de produção. Pós-doutorando da Cátedra UNESCO Archai da UnB. <renatomatoso@gmail.com>



pela UNESCO todos os anos, sempre na terceira quinta-feira do mês de novembro. Neste ano é hoje, dia 19 de novembro. Neste dia, a organização destaca o valor duradouro da filosofia para o desenvolvimento do pensamento humano para cada cultura e para cada indivíduo. A diretora geral, Irina Bokova, sempre divulga uma mensagem no Dia Mundial da Filosofia e, na mensagem deste ano, disse que a celebração de hoje traz “a convicção de que a filosofia pode dar uma contribuição essencial para o bem-estar humano, para abordar a complexidade e para promover a paz”, que, aliás, é algo que estamos precisando muito no mundo de hoje. Além disso, nessa mensagem que está no site da UNESCO www.unesco.org/brasil, a diretora também diz que as atividades da comemoração do Dia Mundial da Filosofia deste ano “pela primeira vez vão enfatizar o uso de novas tecnologias de comunicação e engajar o público geral”. É exatamente isso que estamos fazendo hoje com o nosso *hangout*. Estamos aqui online com especialistas e professores de filosofia que vão participar da nossa conversa: o professor Vinicius Berlendis Figueiredo da Universidade Federal do Paraná, a professora Maria Cecília de Miranda Coelho da Universidade Federal de Minas Gerais, o professor Alexandre Sá da Universidade de Coimbra que atualmente está na PUC do Paraná, e o professor Fernando Santoro da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Vamos começar, então, nossa conversa com o professor Vinicius, que falará sobre como a filosofia pode contribuir para resolver os desafios do século XXI.

☞ **Professor Vinicius (UFPR):** A impressão que tenho é a de que a filosofia contribui quando está na contracorrente daquilo que é o habitual. No mundo como o nosso, em que sempre se pergunta pela aplicação da razão, aplicação do conhecimento, é interessante a filosofia fazer o contramovimento e se perguntar pela necessidade de tanta aplicação em tanta coisa. Nesse mundo dos aplicativos, a filosofia pode ajudar a refletir sobre para onde estamos indo com tanta aplicação, com tanta coisa.

☞ **Ana Lúcia Guimarães (UNESCO):** O mundo precisa de um pouco de foco, não é? E a filosofia pode ajudar a dar esse foco. Alguém mais quer complementar a fala?

☞ **Professor Fernando (UFRJ):** Creio que a filosofia pode fazer também o que sempre fez, isto é, trazer questões e discutir as respostas que são dadas muito prontamente. Quando o mundo precisa de novas soluções, precisa, antes de tudo, recolocar os seus problemas com outras perspectivas. A filosofia pode ajudar a abrir as perspectivas, mostrando outras formas de ver as coisas. E ao ver de outra maneira, nós poderemos encontrar soluções não vistas antes ou também problemas ocultos, que precisam ser tratados e discutidos.

☞ **Ana Lúcia Guimarães (UNESCO):** Por favor, podem continuar.

☞ **Professor Alexandre (Universidade de Coimbra):** Contribuindo também para essa intervenção inicial, diria que a filosofia é uma atividade intelectual milenar que de certa forma tem dimensões efetivamente necessárias no tempo, eu explicaria três. Em primeiro lugar, há a dimensão do espírito crítico, ou seja, o saber pensar por si próprio. Trata-se da apropriação, como Fernando estava a dizer, de questões não apenas formuladas de outras maneiras, mas de novas questões, aquilo que hoje está muito em voga, às vezes pensar *out of the box* (*outside the box*) não apenas novas questões, mas também novos modos de abordar as mesmas questões. Depois, há a dimensão argumentativa, isto é, o saber como se portar com os outros, como se portar consigo próprio. Essa dimensão é absolutamente incontornável dentro dos manuscritos filosóficos, pois seria pensar em conjunto, seria pensar contra si próprio. E, finalmente, há a dimensão cultural, pois uma tradição cultural tem dimensões que são universais, mas também tem dimensões que são muito próprias da cultura ocidental que devem ser valorizadas, e não devemos ter medo nem vergonha de evocá-las como tal. Poderia dizer que essas três dimensões parecem fundamentais nessa atividade.

☞ **Ana Lúcia Guimarães (UNESCO):** Perfeito, bacana. Professora Cecília.

☞ **Professora Maria Cecília (UFMG):** Farei um comentário seguindo a primeira afirmação do professor Vinícius sobre a filosofia estar na contracorrente das questões colocadas pelas diversas áreas. É importante sempre lembrar que a filosofia até pela sua história e pela sua natureza sempre esteve em diversas áreas do conhecimento e várias dessas áreas estiveram dentro da filosofia, mas há algo diferente. Enquanto várias dessas áreas perguntam por questões particulares, como certas coisas são feitas ou podem acontecer, a filosofia quer sempre fazer perguntas sobre essas próprias perguntas e sobre certas certezas que aparecem em determinado momento em que é necessária uma resposta imediata a um problema, seja científica, seja social, e em que se precisa envolver uma tecnologia e aplicar a uma área do conhecimento científico. A filosofia ajuda nesse momento em que chama a atenção e tenta até, como já foi dito por um filósofo, substituir certas certezas que não estão articuladas em um todo para pensar o ser humano por dúvidas articuladas. Então o papel da filosofia é grande nessa interação com as outras disciplinas e na tentativa de se desvincular de um foco mais imediato de aplicação. É muito importante realçar esse aspecto da contracorrente, de um distanciamento que o filósofo, o professor de filosofia sugere aos colegas e à comunidade, para parar e refletir sobre o sentido até de certas perguntas.

☞ **Ana Lúcia Guimarães (UNESCO):** Perfeito, Cecília. Lembrei-me de um trechinho da mensagem da diretora geral. Imagino que a filosofia é mais ou menos isso: “A UNESCO promove a filosofia como uma força para

a emancipação individual e coletiva porque pensar como reflexão sobre o que significa pensar é filosofar e todos nós fazemos isso constantemente impulsionados pelo motor mais verdadeiro de toda a engenhosidade humana: o questionamento”. Alguém quer comentar isso?

☞ **Professor Alexandre (Universidade de Coimbra):** É realmente verdade isso. Há uma passagem na *República* de Platão em que em certa altura... A *República* é um diálogo acerca da questão da justiça e de como é que viveríamos bem em conjunto. Daí resulta certo discurso, certa especulação acerca do que seria a cidade ideal, o estado ideal. Uma primeira resposta de Sócrates é a de que um estado ideal seria uma cidade onde todos viveriam modestamente bem, que produziriam as suas coisas, haveria um sistema de troca, uma vida em conjunto, uma vidinha, como diríamos em Portugal. E o interlocutor de Sócrates, chamado Glauco, em certa altura diz o seguinte “muito bem, seria uma vida satisfatória se isso fosse uma cidade de porcos”, ou seja, os homens querem mais e, portanto, não apenas viver bem em conjunto, não apenas assegurar o que é necessário. Precisamos de nossas ocupações, precisamos comer e beber, mas viver humanamente algo mais. E a filosofia começa ou desponta com essa ideia de que viver não é apenas viver, mas viver humanamente é procurar uma vida boa e, portanto, o desafio clássico ao pensamento filosófico é essa ideia. O que significa viver mais? O que significa viver mais em termos de felicidade, alegria de se estar com os outros, saúde? Todas essas dimensões são dimensões que foram sendo discutidas primeiramente no pensamento filosófico. Esse aspecto é muito importante.

☞ **Ana Lúcia Guimarães (UNESCO):** Precisamente. Isso tudo se relaciona com a nossa vida, com o cotidiano das pessoas, não é mesmo? Alguém quer comentar?

☞ **Professor Vinicius (UFPR):** Isso se liga ao acolhimento da filosofia no ensino médio. Há cerca de 5 ou 6 anos que a filosofia voltou aos bancos escolares, e a importância desse retorno da filosofia ao ensino médio passa exatamente por aquilo que o Alexandre comentou, isto é, pela capacidade de suscitar nos nossos estudantes o questionamento. A pergunta dentro da filosofia reflete sobre o conhecimento, a história, a geografia, a tecnologia. Esse tipo de reflexão parece essencial para assegurar um pouco mais de espaço crítico, autonomia, reconhecimento dos nossos valores, diversidade da cultura, exercício da tolerância. É com questionamento que uma série de questões aparecem ligadas à prática no exercício do fazer filosófico.

☞ **Professora Maria Cecília (UFMG):** Farei um comentário ainda sobre a mensagem da diretora da UNESCO e também sobre o comentário do professor Vinicius acerca da volta do ensino de filosofia no ensino médio.

Realmente uma das características da filosofia é a reflexão, é explorar o pensamento humano. Agora, é importante realçar que, na filosofia, as pessoas não precisam ser filósofas formalmente ou estudar Filosofia para pensar. Isso, inclusive, foi um problema no início dos anos 80; lembro-me de todo o debate em Brasília sobre a volta da filosofia no ensino médio depois de ter desaparecido, das questões políticas envolvidas nisso e da necessidade de os nossos alunos precisarem “aprender a pensar”. A filosofia é, sim, um dos caminhos para estimular o pensamento, mas ela também é específica quanto a certos problemas e certos temas aos quais ela se liga e à própria história do pensamento filosófico. Ela possui características que a distinguem de outros tipos de pensamento. Então ao mesmo tempo que nos ajuda a promover o diálogo com outras áreas pela sua própria natureza e sua história em relação interdisciplinar com outras áreas, ela também tem suas especificidades. E não se pode esperar mais do que o devido nesse próprio conceito do pensamento, aliás, isso é uma questão que ela coloca: o que é o pensamento, o que é o ser racional, que é um termo tantas vezes associado à filosofia. Então é sempre importante termos em mente essa reflexão sobre a própria natureza, os limites do pensamento e outras formas também de conhecimento até para defender a própria presença da filosofia ainda no século XXI.

☞ **Ana Lúcia Guimarães (UNESCO):** Tenho já duas perguntas sobre o que o professor Vinícius comentou agora há pouco. Uma é da Daiane, estudante de pedagogia da Unifran, que fica em Franca, São Paulo: “a disciplina da filosofia interessa aos alunos e às escolas?” Outra pergunta veio do Fernando Rosário, professor de Filosofia do Colégio Internacional EMECE de São Paulo: “como o ensino da filosofia nas escolas pode contribuir para a convivência equilibrada entre o respeito à coletividade e a conservação de individualidades que não sejam sufocadas pela massa?” Essa é uma pergunta interessante, mas, por favor, algum de vocês quer fazer um comentário sobre essas perguntas?

☞ **Professor Vinicius (UFPR):** Eu posso comentar... Ana, é muito importante essa pergunta sobre o interesse da disciplina Filosofia nas escolas. A entrada da filosofia no ensino médio a partir da lei de 2003 não significa a entrada de uma disciplina. A filosofia não é exatamente uma disciplina como as outras disciplinas com conteúdos definidos que você precisa aprender e depois dar conta deles. E exatamente não se aprende a pensar aprendendo determinados conteúdos. A entrada da filosofia no ensino médio é sobretudo a entrada de uma nova atitude na própria escola, no próprio ensino, uma atitude que não quer privilegiar conteúdos, mas formas de se relacionar com o saber. A filosofia tem uma função na escola: interligar os diversos saberes, permear, fazer com que a matemática dialogue com a história, com o português, e ela pode fazer

isso a partir de problemas fundamentais que permeiam as disciplinas sem ela mesma, a filosofia, ser uma disciplina. É muito importante que a filosofia ao entrar no ensino médio não signifique mais uma disciplina e mais conteúdo que o estudante dará conta no Enem. Ela significa uma mudança de atitude com a própria educação, isto é, não queremos simplesmente receber conteúdos, pois não estamos em uma escola técnica para aprender habilidades específicas, mas nós somos seres humanos, pensamos a humanidade em geral, nós somos seres civis da cidade, pensamos a cidade em geral, pensamos a política em geral. É esse pensamento mais geral, mais genérico que pode interligar as diversas disciplinas e pode ligar a escola ao próprio mundo que é o requisitado quando se traz a filosofia para a escola.

☞ **Professor Alexandre (Universidade de Coimbra):** Só quero acrescentar a essa importância e à presença da filosofia no ensino médio um pouco da experiência portuguesa, que talvez não seja conhecida no Brasil. Portugal é um dos poucos países na Europa que sempre manteve uma disciplina de Filosofia no ensino médio. Não quer dizer que a presença da filosofia tenha que ser inevitavelmente uma matéria específica de Filosofia, pois, mal ou bem, há estados em que não há Filosofia, mas ela está presente em outras matérias. Em Portugal, a Filosofia esteve sempre presente no ensino médio. A educação está em crise em todo lado e em Portugal também, mas isso foi uma das coisas que realmente contribuiu para sustentar um nível de formação no ensino que nós chamamos de ensino secundário em Portugal.. Isso não é para discordar do colega, pois concordo com a observação de que a filosofia não é apenas uma disciplina, mas é curioso que, em Portugal, há uma parte chamada formação geral, que tem 4 disciplinas. Essas disciplinas são Português, obrigatória para todos, uma língua estrangeira, que é geralmente o inglês, há duas gerações atrás era o francês, Educação Física e Filosofia. É justamente a Filosofia que tem essa sensatez universal no currículo, e isso, de acordo com a experiência portuguesa, realmente se constituiu como um benefício para o ensino médio em Portugal. Em 2003 foi reintroduzida a Filosofia no currículo brasileiro, e creio que essa medida será muito benéfica para os brasileiros.

☞ **Ana Lúcia Guimarães (UNESCO):** Que bom professor, é muito bacana compartilhar essa experiência.

☞ **Professor Vinicius (UFPR):** Queria dar uma palavra sobre um aspecto que não deve ser omitido nesse debate. Quando nos perguntamos pelo interesse da filosofia na escola, isso vale não apenas para os estudantes, mas até mesmo para os colegas, os docentes dessa mesma escola. O nosso colega professor que fez a pergunta deve saber disso. Hoje no Brasil, infelizmente a filosofia não é considerada uma disciplina, isto quer dizer, um saber de verdade, mas é vista como “café

com leite” por assim dizer, não é? Faz parte do nosso desafio na escola e também na Universidade mostrar que a filosofia é algo que pode dar a contribuição central e essencial para ligar, como dizia o Fernando, as disciplinas umas com as outras. Nesse sentido, o que vai acontecer é que quando quando o professor de matemática, por exemplo, for indagado sobre uma questão acerca do infinito, que é uma noção matemática também, mas é uma noção filosófica, e perguntar ao aluno “de onde você tirou isso”, o aluno responderá “ah, eu trouxe isso da aula de filosofia”. E isso acontecerá quando houver uma valorização da filosofia, inclusive pelos colegas dos professores de Filosofia na própria escola. Isso acontecerá, mas isso requer também preparo, reconhecimento, remuneração, boas condições de trabalho. Não podemos esquecer desse aspecto também.

☞ **Ana Lúcia Guimarães (UNESCO):** Ficou uma questão ainda pendente.

Pode ser que eu não tenha entendido bem, mas sobre a questão “é de interesse da escola e dos alunos ter filosofia na grade escolar?” O que vocês acham?

☞ **Professor Vinicius (UFPR):** Só rapidamente complementando.

Isso requer um pouco a nossa tarefa de apresentar a importância e a contribuição da filosofia para a formação cidadã. Hoje a música, por exemplo, está fora da grade curricular. Tenho a impressão de que seríamos melhores se tivéssemos aula de música durante a nossa formação. A música ensina a ouvir, ouvir o outro, tocar junto, ter a ideia de conjunto, mas a música não está na nossa grade. O teatro, importante na nossa formação, seria uma maneira de nos apropriarmos melhor da nossa cultura e dos nossos valores, mas isso não está na pauta. Isso também é uma questão de sabermos introduzir na pauta, mostrar a relevância disso.

☞ **Ana Lúcia Guimarães (UNESCO):** Precisamente. A forma de levar isso para os jovens vai definir muito se eles vão se interessar ou não. Há mais uma pergunta, um comentário, na verdade, mas, antes disso, a professora Cecília deseja falar.

☞ **Professora Maria Cecília (UFMG):** É só um comentário sobre esse interesse: “se há interesse?” Independentemente do interesse, a Filosofia hoje é uma disciplina obrigatória. Muitas vezes é muito difícil para os professores de Filosofia que trabalham em um curso de Filosofia que prepara os professores nas licenciaturas estabelecer o contato com as escolas. Em um primeiro momento, isso talvez devesse ser trabalhado dentro da própria universidade entre os alunos de licenciaturas, porque são esses alunos que atuarão juntos nas escolas. Isso não impede que as universidades trabalhem com as escolas por meio de seus alunos ou até por meio de eventos, jornadas que possam mostrar que essa obrigatoriedade veio a partir de certos interesses. Que interesses eram

esses? O que aconteceu nesse momento no Brasil? Com o conhecimento desse fato como um acontecimento quase histórico, em certo momento é importante nos perguntarmos por que a Filosofia foi reintroduzida. Além desse trabalho da escola com a universidade, ou pelo menos na universidade, é importante provocar algumas condições para que o trabalho em conjunto com os alunos de outras licenciaturas aconteça. Eles têm esse poder de levar a discussão para dentro da escola com o diretor. Esse é um passo muito importante em termos pragmáticos para mostrar o papel da filosofia e a interação dela com essas outras disciplinas. Se isso é feito já na universidade pelas licenciaturas, facilita o trabalho e até o contato com as escolas.

➤ **Ana Lúcia Guimarães (UNESCO):** Ótimo, professora, esclareceu bastante. Há mais um comentário que também está ligado ao que a senhora está falando. O comentário é de Inaê Leandro: “Os jovens têm grande potencial de impacto na sociedade, como podemos engajar os jovens através da filosofia e como podemos tornar a filosofia um assunto mais debatido e mais abordado? ” Então, nessa linha do prático, como fazer isso avançar? Alguém tem alguma sugestão? Algum comentário?

➤ **Professor Fernando (UFRJ):** Então, Ana, é importante que todas as questões filosóficas sejam introduzidas a partir dos problemas atuais e próximos aos alunos, porque os problemas estão presentes aí, e não são questões abstratas, transcendentais. Essa história de abstrato e transcendente é história de quem quer ensinar filosofia sem ter formação de Filosofia, aí acha que as coisas estão em outro mundo, quando, na verdade, os problemas estão no nosso mundo, ao nosso redor. A questão da tolerância bate à nossa porta quando explode uma bomba aqui do lado, a questão da natureza e da relação do homem com a natureza, que é uma questão clássica da filosofia também aparece quando temos um desastre ecológico como o de Mariana. Não apenas quando acontecem os desastres, mas também quando há uma festa, quando estamos nos divertindo, também estamos trazendo à tona questões que são relevantes para a filosofia como o sentido da felicidade, como orientar a vida para a felicidade. Todos os acontecimentos do mundo estão “prens” de dispositivos que pensados a fundo são pensados filosoficamente. Então, o que nós que tratamos de filosofia profissionalmente, e que somos professores temos que fazer basicamente é, sobretudo, essa ponte da nossa vida cotidiana com a nossa própria reflexão, não é com a filosofia, mas é com a nossa própria reflexão, é com nós mesmos. Devemos fazer essa ponte, que é muitas vezes quebrada e desfeita por um mundo que dá muitas respostas e não nos deixa refletir com nós mesmos e encontrar em nós mesmos a própria filosofia.

☞ **Professor Vinicius (UFPR):** Isso se relaciona com a questão que o Fernando colocou, quer dizer, mostrar que o estudo da filosofia que passa pelo clássico também é uma reflexão sobre o atual. Vou dar um exemplo que poderia ser outro, mas o acho feliz para isso. Há um tempo atrás se discutiu muito se colocar uma câmera na bola de futebol seria ou não correto, se isso trairia ou não o espírito do futebol, porque o árbitro teria uma maneira inequívoca de saber se a bola entrou ou não entrou. Então começaram discussões intermináveis sobre se as mudanças nas regras do futebol trairiam ou não o espírito do futebol. Sempre ouvimos por aí “A regra é clara, a regra é clara, a regra é clara”, mas há a questão da interpretação da regra, há a questão da reformulação das regras, da adaptação da letra da regra em relação ao espírito. Essas são questões filosóficas que podemos colocar em uma simples discussão sobre o que significa pôr uma câmera na bola de futebol. Essa reflexão que vai do atual para o clássico, do clássico para o atual é algo muito rico que a filosofia proporciona. Isso é uma brecha muito grande para mostrarmos também o interesse que a filosofia pode ter no mundo de hoje.

☞ **Ana Lúcia Guimarães (UNESCO):** Bem concreto, bem concreto.

☞ **Professora Maria Cecília (UFMG):** Sobre essa questão do jovem em relação à filosofia, lembrei-me de uma passagem que gosto muito, um diálogo de Platão chamado **Górgias**, que é o nome de um sofista. Nesse diálogo, uma questão que se discute é justamente a educação: quem vai educar o jovem? O sofista ou o filósofo? O retórico ou o filósofo? Nesse diálogo, há basicamente três personagens que conversam com Sócrates: o sofista Górgias, o retórico Pólo, seu discípulo e aluno, e Cálicles, que os recebe em sua casa. Em certo momento, Platão, que vê que a filosofia e retórica devem nortear a educação e a vida dos alunos, coloca na boca de Cálicles, já praticamente no fim do diálogo, as palavras “olha Sócrates, você está sempre perguntando o mesmo, as mesmas questões, as mesmas perguntas”, e Sócrates responde “olha não só as mesmas questões, mas sempre acerca das mesmas coisas”. Cálicles se irrita também dizendo “olha, acho que essa questão de filosofia, você não está na idade de ficar fazendo essas questões, são questões para jovens, os mais velhos têm que se preocupar com coisas mais sérias como a política”. Esse diálogo é particularmente interessante, primeiro porque ele coloca o que são essas questões filosóficas, sendo que vemos até hoje Sócrates como um grande modelo de filósofo, mas também porque coloca essa atividade como uma atividade que, na perspectiva de Cálicles, deveria ser de um grupo que não tem preocupações mais importantes como a política. Retomando até a ideia de Sócrates, até hoje temos certas questões que são as mesmas postas por um grego no século IV. Ler um trecho de um diálogo de Platão pode ser uma experiência iluminadora, fantástica para um jovem que

pensa que certas questões não fazem sentido ou fazem sentido apenas a um grupo em um determinado tempo. Esse jovem em diálogo com esse diálogo, em diálogo com seus autores que já viveram há centenas de anos verá certas características da filosofia como a permanência, pertinência e riqueza de certos problemas, ao mesmo tempo que será estimulado ao ver que são ambientes muito diferentes, e momentos também muito diferentes. Essa riqueza da atividade filosófica se mostra para o jovem até por comparação quando ele toma um texto da antiguidade e vê o sentido da inquietação, do espanto com aquilo que parece as vezes tão óbvio para nós. Então, nesse sentido, a filosofia tem textos, problemas e questões que estimulam e que são muito atraentes para o jovem. É tarefa do professor, na forma de uma disciplina ou conteúdo, já que o professor de filosofia tem que de qualquer forma dar conteúdo em sala de aula, mostrar isso, chamar a atenção e abrir essas janelas para outros tempos e às vezes para os mesmos problemas.

☞ **Ana Lúcia Guimarães (UNESCO):** Nesse ínterim já chegou outra pergunta que eu vou fazer rapidamente: “Como a filosofia pode contribuir para a política no Brasil?” Está relacionado com isso que a professora Cecília estava falando, mas primeiro vamos ouvir o professor Alexandre.

☞ **Professor Alexandre (Universidade de Coimbra):** Primeiramente, queria referir-me à questão da regra, mencionada pelo Vinícius, e à questão do diálogo de Platão, da dialética, da filosofia como pensar em conjunto, mencionada pela Cecília. Parece muito importante também salientar que vivemos em um mundo que realmente está muito obcecado pelos problemas que encontra, por respostas imediatas; quer-se doutrinas, quer-se regras, quer-se receitas, quer-se respostas imediatas a um problema. Quando as pessoas falam de ética, geralmente confundem ética com qualquer coisa, por exemplo, como devo portar-me a um sem teto que está nesta situação. Onde eu encontro uma resposta imediata para este e este problema? O que acontece é que o pensamento filosófico não dá essa resposta, pois a filosofia não é uma doutrina nesse sentido, não é doutrinária nesse aspecto. No que diz respeito, por exemplo, à questão da tolerância, falada há pouco, a filosofia não fornece uma resposta, pois não encontramos uma espécie de doutrina filosófica da tolerância, o que existe é uma prática da tolerância, ou seja, um pensamento que vai se desenvolvendo e que realiza na sua própria prática essa tolerância. Não se trata de ensinar aos outros, ou encontrar uma resposta para determinados comportamentos que devem ter ou para determinados desafios, não é isso. Isso, por um lado, demonstra uma fraqueza, pois realmente pode frustrar algumas pessoas que vão à espera de encontrar uma resposta imediata, direta aos problemas que têm; mas, por outro lado, demonstra

força por justamente transformar um determinado tipo de inquietações em uma prática que vai enraizando através dessa mesma prática as respostas que as pessoas vão buscar por ventura de uma forma mais fácil e imediata.

☞ **Ana Lúcia Guimarães (UNESCO):** Antes de passar para o professor Fernando, gostaria de fazer uma consideração. Estamos agora com 67 pessoas nos acompanhando online e tem chegado muitas perguntas. Então, se não conseguirmos, neste *hangout*, responder todas as perguntas, enviaremos aos nossos especialistas, e eles poderão responder diretamente.

☞ **Professor Fernando (UFRJ):** Gostaria de tocar em dois pontos que o professor Alexandre trouxe à tona e que são muito importantes: a questão da imediatez e da doutrina. A filosofia e o ensino de filosofia têm alguns problemas que devem ser enfrentados. Os dois problemas maiores são o fato de que se demanda da filosofia respostas, sejam imediatas, sejam definitivas, e doutrinas. Isso é tudo que a filosofia não é. Basicamente a primeira função de um professor de filosofia é quebrar essa expectativa de todo mundo que ainda não teve contato com a filosofia e que vem esperando da filosofia, sejam respostas imediatas, sejam respostas definitivas. Em geral, quem dá respostas imediatas é *techne* e quem dá respostas definitivas é a religião. A filosofia não é *techne*, não é uma disciplina escolar para formar pessoas que farão trabalhos específicos, pois tem uma formação humanística geral. É esse o sentido de ela entrar no currículo do ensino médio quando se quer modificar o ensino básico para que ele seja mais formador do homem em geral, e menos específico, formador de um técnico que vai resolver problemas, que certamente é importante, mas que é para outro momento da educação, para um momento da especialização, seja a especialização técnica no ensino médio, seja a especialização na faculdade. Isso não é um caráter de base fundamental, e a filosofia, por outro lado, está no caráter de base fundamental. Ela não responde ao imediatismo que a técnica responde e ela não responde ao definitivo que as religiões pretendem responder. Ela não responde, ela traz o problema, questões, a reflexão. Há um problema muito grave quando o ensino de filosofia é assumido por pessoas que não têm a compreensão de que a filosofia não é nem imediatista nem doutrinária. Esse problema acontece por uma questão histórica de o ensino médio ser recente no Brasil e da maioria dos professores que ensinam filosofia não passarem pelo ensino de filosofia, nós os chamamos de leigos. Todas as pessoas podem estudar filosofia, mas um professor de filosofia não pode ser qualquer um, porque ele precisa ter esse primeiro dispositivo, essa primeira atitude, que é não ser nem imediatista nem doutrinário.

☞ **Professora Maria Cecília (UFMG):** Volto à questão política, e lembro outra afirmação que o professor Fernando Santoro fez sobre a origem dos problemas filosóficos. É muito importante realçar isso, mesmo sendo questões ou autores que tratamos como muito abstratos como Platão, por exemplo. Se pensarmos em parte a origem da obra de Platão, certas questões que ele coloca como o que é a justiça, por exemplo, estão ligadas a um fenômeno político específico, particular que ocorre em Atenas em 399, a democracia, que é a condenação em um tribunal legal de Sócrates por corrupção de jovens e por impiedade, não acreditar nas divindades. A condenação de um homem a se exilar ou a se matar (ele decide por se matar, tomando cicuta) é um tema político, que ocorre em uma cidade, em uma democracia ateniense. Platão então pergunta como a cidade pode condenar uma pessoa que, na perspectiva dele, é mais sábio que os homens, e a partir daí há o tema do livro I da *República*, que tem tantas questões tratadas em domínios até separados da filosofia, da filosofia da religião, questão teológica, questão epistemológica, ontológica, mas todas essas questões estão ligadas a um problema também político, a um problema concreto. É muito importante mostrar também por meio do próprio contato com textos da história da filosofia com esses fatos, como a interação entre filosofia e política se dá. Isso quer dizer que não é tarefa do filósofo resolver problemas políticos ou fazer uma legislação, mas é tarefa dele, como o Fernando colocou ao tratar da questão anterior na outra pergunta, mostrar que questões abstratas sobre a natureza da verdade, do conhecimento não estão desvinculadas de certas práticas e certas atividades humanas, pois todas elas estão ligadas à política por excelência, já que parte da nossa vida é uma vida em comunidade. Vivemos em comunidade e em diálogo, e a filosofia nos ajuda a pensar isso em outros termos também.

☞ **Ana Lúcia Guimarães (UNESCO):** Perfeito, então, Cecília, há mais uma pergunta da Georgeana que está ligada à questão da política porque fala de ética. Ela diz o seguinte: “Em uma sociedade secularizada, podemos também encontrar na filosofia um manual de ética, exemplo clássico, um manual de Epitecto ou será um manual de questionamento sem agenda? ” Farei mais uma pergunta, enviada pelo Felipe Everson, estudante de cinema da UnB, que muda totalmente de assunto, mas que é muito relevante neste momento: “Em frente à tragédia ambiental ocorrida no Vale do Rio Doce, ou pior, nas possíveis tragédias que ainda possam vir a acontecer, como explicar o comportamento da mídia brasileira falando mais da França do que do Brasil? Como criar não só um discurso filosófico em relação a isso, mas um fazer filosófico que consiga recuperar o nacionalismo na mídia e proteger muito mais que o meio ambiente, mas a integridade da nossa nação?” Vocês fiquem à vontade se alguém

quiser escolher uma dessas duas, porque estamos nos encaminhando para o fim de nossa conversa. Quem gostaria?

☞ **Professor Fernando (UFRJ):** Então, posso dar uma palavrinha sobre essa questão da pauta da mídia. A nossa mídia é uma mídia monopolizada, tanto a televisa quanto a dos jornais. A grande mídia é monopolizada e constrói uma pauta segundo os seus valores. Se tivéssemos uma mídia mais democrática com princípios diferentes, televisões que não fossem dos mesmos donos, jornais que não fossem dos mesmos donos, teríamos um jornal que daria privilégio ao que aconteceu em Paris, outro que daria privilégio ao que aconteceu em Mariana, e um terceiro que daria privilégio a outro acontecimento. Um problema muito grave que temos no nosso país é justamente esse monopólio da mídia que, em termos filosóficos, é um monopólio da opinião, que pretende a verdade. O que a filosofia pode trazer é justamente a discussão desse monopólio da opinião e entender que a verdade é algo que está muito mais na pluralidade das perspectivas e no aprofundamento delas do que na construção de respostas imediatas dizendo o que é a política, o que é a nação, o que é o fato importante, o que é o fato que deve ser ocultado, já que a nossa mídia não toca muito em fatos que atingem o seu patrocinador. Temos um grande problema que é o monopólio da mídia, e uma das coisas que nós podemos fazer é multiplicar as nossas vozes e multiplicar a nossa atenção para essas diversas vozes. A internet é um bom lugar para você ouvir outras vozes que não as dos monopólios de comunicação.

☞ **Ana Lúcia Guimarães (UNESCO):** Estamos aqui com um problema com a conexão com o professor Fernando, mas acredito que todo mundo entendeu bem a sua mensagem professor Fernando. Imagino que você esteja falando mais da grande mídia, porque hoje na imprensa ainda existe uma vasta gama de veículos que são menores, mas que existem, e especialmente na web ainda conseguimos ter uma pluralidade maior. Há uma pergunta da Rafaela: “Olá, boa tarde a todos, gostaria de parabeniza-los pela disponibilidade desse debate no hangout. Estou assistindo. A filosofia é essencial para a reflexão e formação humana, mas infelizmente está ausente em alguns espaços de educação como vimos vocês explicando. Vocês poderiam voltar a falar como ela poderia entrar definitivamente no contexto educacional?”

☞ **Professor Vinicius (UFPR):** Queria recuperar a pergunta anterior e aproveitar para me despedir. Pelo que recorde, a pergunta anterior falava do estatuto e da natureza da filosofia, se a filosofia é uma espécie de prática de conhecimento de aconselhamento, ou se ao contrário deve ser mais reflexiva, mais distante desse aconselhamento. É curioso isso, porque muita gente chega à filosofia para se tornar um indivíduo melhor, se tornar alguém mais qualificado moralmente, eticamente, para

encontrar um sentido à própria vida e para a vida no universo. E isso não é uma maneira errada de chegar à filosofia, porque muita gente já fez boa filosofia procurando dar respostas a essa questão. Se observarmos a tradição do estoicismo imperial latino, Sêneca, Marco Aurélio, outros autores, todos eles aconselhavam a se tornar um indivíduo melhor, eticamente melhor, a encontrar um sentido para o nosso lugar no universo. E não é à toa que hoje encontramos esses livros onde? Na estante de autoajuda. Então na filosofia há algo de autoajuda, mas é curioso, pois temos um profundo incômodo em pensar a filosofia como autoajuda, e por quê? Algo aconteceu da Roma Imperial para os dias de hoje que fez com que a filosofia se distanciasse da autoajuda. O que aconteceu foi o reconhecimento de que para você ensinar alguém alguma coisa “você precisa se achar muito”, não é? É preciso realmente se colocar de uma maneira professoral, ou, como dizia o Fernando, doutrinal, não é? Ou como a Maria Cecília estava dizendo em Platão, o que é o diálogo em Platão? É conversa, mas não é exatamente uma doutrina, é uma interlocução, a construção de um sentido entre os interlocutores que participam daquele diálogo, e isso é diferente de um aconselhamento em que aquele que professa é superior àquele que aprende. A ideia de autoajuda repousa sobre essa falácia de que alguém detém um saber, um saber do todo que pode ser transmitido aos outros. É bom que a filosofia não seja mais assim, pois isso apenas reforça a necessidade da filosofia para todos nós, isso quer dizer, saber que ninguém tem uma posição superior para ensinar como deve ser a vida para ninguém. Com isso eu me despeço de vocês, agradeço, mas vou ter que sair e deixo aí para os meus colegas qualificados a continuação desse bate-papo. Queria apenas agradecer a UNESCO por essa excelente oportunidade e a todos que participaram do debate nessa nova mídia. Muito obrigado.

☞ **Ana Lúcia Guimarães (UNESCO):** Muito obrigada pela sua participação Vinícius. Então podemos continuar ou vocês querem fazer um fechamento da nossa conversa? O que vocês acham?

☞ **Professor Alexandre (Universidade de Coimbra):** Posso só acrescentar à fala do Vinicius e da Cecília algo que tem a ver com as perguntas que foram colocadas. É importante também ter em conta a relação que a filosofia e a política sempre mantiveram. Essa relação nunca foi pacífica, e não é para ser, e isso não é meramente empírico, ou seja, não é o fato da relação nunca ter sido pacífica, pois elas próprias produzem uma relação de tensão, ou seja, elas não podem viver separadas. A filosofia, como foi dito no início, exige essa interlocução, esse diálogo, contratação e, de certa forma, os outros; ela não é uma atividade monástica nem um retiro, mas também não é possível esperar da política aquilo que ela não pode dar. A política joga com forças, com tensões, com relações que tem a ver

com um conjunto de dispositivos, nos quais o próprio filósofo e as pessoas se encontram, mas numa relação tensional. Esse aspecto é muito importante, e eu volto a frisar no que já toquei antes: não podemos esperar respostas imediatas, ou seja, não podemos esperar que a filosofia dê aquilo que ela não pode dar pela sua própria natureza, porque não é um manual, embora encontremos realmente no curso do pensamento filosófico tratados, doutrinas e manuais, mas a filosofia como atividade não é uma atividade que desemboca nessa dimensão doutrinal. Também não podemos esperar da política aquilo que ela também não pode dar, ou seja, não podemos esperar da política que ela tenha uma relação pacífica com a filosofia, pois é uma relação sempre tensional e de conflito. O que importa não é eliminar o conflito, mas fazer com que esse conflito seja salutar.

➤ **Professora Maria Cecília (UFMG):** Gostaria também de praticamente concluir, comentando a pergunta do jovem que estuda cinema, e essa relação da filosofia com a política, a ética e a mídia. Primeiramente, é uma falácia supor que a mídia não seja sempre ética. Há escolhas de assuntos e tendências, mas isso é característico de alguns grupos. Gostaria de lembrar um cineasta grego falecido há pouco tempo, Theo Angelopoulos, que tem um filme muito bonito chamado “O Olhar de Ulisses”. O filme é uma releitura da Odisseia, mas Odisseu é um cineasta e ele abre esse filme com uma frase de um diálogo de Platão, o *Primeiro Alcibiades*, um político importantíssimo grego: “se uma alma quer conhecer a si mesma, ela deve se olhar em outra alma”. É uma passagem em que Sócrates diz: “se eu quero conhecer a mim, eu tenho que me olhar no olho do outro, na minha imagem formada na pupila do outro, aquela menininha que tem no olho do outro”. É muito interessante que o Theo Angelopoulos tinha quase que a esperança de o cinema ser talvez até o último instrumento capaz de afetar e tocar os homens e criar uma nova sociedade pelos afetos e pelas paixões que um filme pode provocar em uma comunidade ou grupo. Esse poder da mídia no sentido da democratização por meio das redes sociais e do acesso à produção de imagens praticamente por qualquer pessoa que tenha um celular ou câmera simples é a volta da ideia de uma ágora, praça pública na Grécia, onde as pessoas podem discutir e mostrar suas diferentes opiniões. Há uma esperança interessante neste diálogo por meio da web e por meio da autonomia que as pessoas têm de produzir suas imagens e seus discursos e apresentar para o outro. Justamente no conflito dessas imagens e na interação entre elas, há a possibilidade de um discurso plural também. Então é pela imagem e discurso associados e produzidos pelas pessoas diferentes, de grupos diferentes e não por uma única empresa e emissora, por exemplo, que se pretende nortear o país e dar uma verdade.

➤ **Professor Fernando (UFRJ):** Gostaria de emendar a fala da Cecília que trouxe o âmbito da política para as artes, para o teatro, para o

cinema. Vi que muitas das perguntas que foram enviadas ao programa demandam sobre a questão política, sobre a situação atual, e é muito importante percebermos que a política está em todas essas dimensões. A política está no teatro, na nossa convivência com os amigos, na ordenação da nossa cidade, no nosso relacionamento com as obras, como quem vai ser removido para entrar uma obra que vai favorecer a mobilidade, pois temos os interesses de uns contra os interesses de outros e temos que ver como acertar esses interesses. Temos um grande problema atual que é o monopólio da mídia que concentra a política em um único fato que é a corrupção, e enche as manchetes do jornal de corrupção. A corrupção não é um fato político preponderante, mas é um acontecimento ético e um problema de justiça, de polícia. Quem rouba, seja roubando na casa de alguém, fazendo assalto, ou roubando o dinheiro público que tem acesso, deve ser julgado pela polícia, e esse não pode ser o único lugar em que se vê a política. A política está em todos os nossos lugares, em todas as nossas ações, e o grande problema é que quando há a concentração, quando se mostra esse tipo de lugar como sendo o lugar da política, se oculta os outros. Então o falso, o engano não é uma mentira simples de dizer o que não é, mas em geral o falso, o engano, que é um problema filosófico sério, está em não fazer aparecer as coisas que devem aparecer, colocando outras no lugar para ocultar. Então a pluralidade das perspectivas pode mostrar também que a política está em todos os lugares e pode mostrar perspectivas diferentes. A política está no congresso quando se está definindo uma lei que pode atingir a saúde e a dignidade das mulheres; no embate da cidade para ver como é construída, ou disputada, ou remontada; nas relações que acontecem no ambiente de trabalho, ou no ambiente acadêmico. Assim é importante que se veja a política no teatro, no cinema, na praça a política e não apenas concentrados no noticiário de corrupção que, em geral, é para ocultar a coisa.

☞ **Ana Lúcia Guimarães (UNESCO):** Muito obrigada professor Fernando.

Há muita coisa para falar, mas foi muito bacana esse debate. Eu que não sou da área aprendi muito com vocês. E a principal conclusão que tiro daqui é que todos nós precisamos, sim, da filosofia como uma ferramenta para poder discutir e pensar nossa realidade, pensar nós mesmos e, através do questionamento, como disse a nossa diretora geral, tentar avançar na construção de um mundo melhor para todo mundo que é o que precisamos. Agradeço muito aos especialistas que estão aqui conosco e aos internautas. Vamos tentar encaminhar todas as perguntas para quem não pode ter sua resposta aqui hoje possa ver por e-mail. Vamos encaminhar aos nossos especialistas e peço que eles respondam a vocês e agradeço a participação de todos e acho que chegamos ao fim.